

A ICONICIDADE LEXICAL NA VALORIZAÇÃO DA LÍNGUA NACIONAL EM LETRAS-DE-MÚSICA BRASILEIRA¹

Marilza Maia de Souza de Paiva (UERJ)
marilza.maia@gmail.com

1. A riqueza da língua

(...) somente uma educação que fortalece a diversidade cultural pode ser entendida como democrática.

A multiculturalidade é o denominador comum dos movimentos atuais em direção à democratização da educação em todo o mundo². (Ana Mae Barbosa)

Para começo de conversa, o título que abre essa seção, pauta-se na perspectiva variacionista da língua, cujo mote é a heterogeneidade dos usos linguísticos arraigados ao sistema, além de motivados e regulados por ele (cf. NARO, 2004, p. 15), assentando que estrutura não é sinônimo de homogeneidade.

Com o objetivo de analisar a língua escrita das letras-de-música³ que selecionamos, a língua escrita pensada como discurso (como processo), não delimitada na forma, optamos por focar nossa abordagem nas modalidades de uso da língua – oralidade e escrita – segundo as considerações de Preti (2004), Fávero *et all.* (2007) e Marcuschi (2008), que têm como tendência geral a de tratar fala e

¹ Este texto é parte integrante da dissertação de mestrado, orientada pela prof^a. Dr^a. Darcília Simões, concluída em março de 2010.

² Ana Mae Barbosa (USP). Trecho do programa DEBATES no *Salto para o futuro*, TVE. <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2002>.

³ Optamos por grafar letras-de-música com hífen para realçar a forma que então designa um gênero textual, nosso objeto de estudo.

escrita a partir de uma relação não dicotômica, mas fundada num *continuum* (cf. FÁVERO, 2007).

Com base no que Marcuschi (2008, p. 43) afirma, concluímos que as diferenças entre a oralidade e a escrita podem ser analisadas na perspectiva do *uso* e não do *sistema*, em que a língua é vista como construto abstrato e homogêneo. Na prática oral, ao contrário, a língua se apresenta como fenômeno heterogêneo, dinâmico, histórico, social; o uso se manifesta em situações concretas, e aquele só se determina sintática e semanticamente de acordo com as condições de produção, com as situações de interação.

Não é novidade que a literatura linguística contemporânea vem apresentando várias possibilidades de aproximação entre as modalidades de língua oral e de língua escrita com implicações para o ensino. Vemos nesse crescente interesse muito mais do que um modismo teórico, mas uma necessidade de mudança de paradigma concernente ao ensino de língua, que supervaloriza a variedade padrão em detrimento das outras, chegando a tratá-las pelo critério de exclusão (aprender o padrão, para suplantá-las), em vez de tê-la como base.

A dificuldade de lidar com a linguagem é, pois, um problema político-social sobre o qual a sociedade, e mais de imediato a escola, precisa se debruçar. De acordo com Simões (2004), a exploração da riqueza dos usos linguísticos, presentes nos textos que fazem parte do cotidiano do estudante, pode ser um facilitador para que se efetive um ensino significativo de língua, sem estigmatizar uma ou outra variedade linguística, mas propiciando oportunidade de vivenciar na escola – sob a orientação docente – as práticas linguageiras cotidianas. A diferença é que a escola é o lugar oportuno de se padronizarem os usos linguísticos, a fim de promover reflexões que permitam ao estudante apetrechar-se de conhecimentos para que se seja capaz de escolher a variante que lhe for mais conveniente, portanto a mais adequada, nas diversas situações de comunicação. Lembrete: a variedade culta (ou padrão) tem de ser ensinada na escola, pois não há outro lugar ou outra instituição que viabilize o contato sistemático e orientado com a gramática normativa, que é o ponto de partida para a organização da comunicação em nível formal.

Focado numa dimensão nacionalista e democrática de língua, o estudo se baseia na divulgação e na preservação; nesta, como consequência da variação e da necessidade de padronização do idioma, por meio da variedade padrão (cult), para que a comunicabilidade seja garantida entre os usuários da língua; naquela, tendo em vista a variação idiomática como um fator de riqueza da língua, que carece de mais conhecimento por parte dos falantes.

A estrutura linguística das letras-de-música aliada ao contexto social, abrangendo o histórico e o cultural, permite compreender a dinâmica e a heterogeneidade da língua em uso; e esse gênero textual, sem dúvida, acompanha e conserva características que representam a identidade dos territórios socioculturais.

2. O caráter intersemiótico da canção

Costa (2005, p. 107) define a canção como um “*gênero híbrido, de caráter intersemiótico, pois é o resultado da conjugação de dois tipos de linguagens, a verbal e a musical*”, cujas qualidades são indissociáveis. Não fosse essa confluência entre as linguagens, os compositores não teriam um cuidado laborioso na escolha das palavras que agregam ritmo, melodia, expressividade e comunicabilidade à canção.

O cuidado no manejo com as palavras que formam a canção impõe-lhe características poéticas. Por conta disso, registram-se algumas polêmicas, sobre as quais não nos debruçaremos no momento (por não ser objetivo deste estudo), acerca da classificação do gênero como literário ou não literário. Os recursos literários de que o letrista dispõe ao escrever textos que serão musicados ou o contrário (partir da melodia para compor a letra) são, para nós, prova suficiente de que o gênero conserva aspectos verbais que garantem a literariedade textual sem, necessariamente, ter de ser reconhecido como um texto literário canônico. Tomamos, pois, as palavras de Valente (2004, p. 194), para corroborar nossa posição:

No que respeita às letras de música, é fundamental que sejam vistas como integrantes de canções e não de poemas da Literatura. Elas são letras musicais ou letras poéticas e devem ser abordadas nos aspectos morfosintáticos e semântico-estilísticos quando apresentarem expressividade textual.

3. *Seleção vocabular e iconicidade isotópica*

No plano de análise que propusemos ao nosso trabalho, focamos na *seleção vocabular*, cujo mote é o viés semântico (na composição de campos lexicais ou campos semânticos) e o semiótico (na persecução dos valores icônicos ou expressivos e os indiciais ou impressivos (cf. SIMÕES, 2009). O plano semiótico conduz nossa forma de identificação dos ícones vocabulares (composição de campos semânticos ou campos léxicos), possibilitada pela seleção de palavras ou expressões que funcionem como trilha temática que conduza à formação de sentidos.

Para referendar nossa proposta, baseamo-nos em Simões (2009, p. 89), que aponta a *iconicidade isotópica* como um plano de análise que atende a tais demandas:

No plano de análise de textos em geral, a iconicidade isotópica se faz no rastreamento de palavras e expressões que possam sustentar esse ou aquele tema. A garantia de recortes isotópicos propostos para esse ou aquele texto se assenta exatamente na possibilidade de identificação de itens léxicos (palavras ou expressões) que constituam campos lexicais ou campos semânticos que ratifiquem a opção temática proposta.

Quando se trabalha com a organização de campos semânticos, as palavras são organizadas por famílias ideológicas, associadas às outras de acordo com os traços de significação que elas têm em comum (cf. CÂMARA, 2004). Os traços de significação envolvem tanto as relações textuais (na estrutura sintagmática) como as relações de sentido que são possíveis de se estabelecerem entre as palavras no texto. Assim, organizamos as palavras que se associam a amor, a religião, a política, etc. seguindo-se a estrutura de grupos temáticos. Os campos lexicais⁴, por sua vez, são organizados por famílias etimológicas, resultantes dos processos de derivação e de composição (CÂMARA, 2004).

O levantamento vocabular amplia as nossas possibilidades de observar, no material de análise, as perspectivas e os valores socio-

⁴Valente (1999, p. 57) observa que os estudiosos Emile Genouvrier e Jean Peytard sugerem uma definição para campo lexical que nos remete à de jargão. Para os autores, “campo lexical é o conjunto das palavras que a língua agrupa ou inventa para designar os diferentes aspectos de uma técnica, de um objeto, de uma noção: campo lexical do ‘automóvel’, da ‘aviação’, da ‘álgebra’, da ‘moda’, da ‘ideia de Deus etc.’”

culturais que acompanham a dinâmica da língua. Isso é possível de verificar na significação ou na criação de determinados referentes que se ampliam, ou perdem o valor na língua, dependendo das necessidades comunicativas. Tomemos, por exemplo, a palavra *embarcar*, cuja significação não se restringe mais a uma embarcação como referente. Afinal, *embarca-se* num ônibus, num trem, num avião (HOUAISS, 2001, s. v.) ou “na onda de alguém” (gíria).

Nessa perspectiva de análise, ver-se-á que a *semiose é limitada* não porque toda e qualquer leitura seja pertinente a um texto, mas porque há nesse texto um grupo de palavras ou expressões que respaldam esta ou aquela leitura, cujo produto final depende do interpretante, da cognição produzida na mente, em termos peircianos. Em outras palavras, depende dos conhecimentos de mundo, prévio, enciclopédico do leitor/ouvinte e, por isso, as leituras serão, necessariamente, diversas. Dessa maneira, a validade das leituras será atestada pelos recursos linguísticos e suas funções e valores icônicos (expressivos) ou indiciais (impressivos) que as orienta.

Vejamos um exemplo de análise, com a letra “Xote das meninas”, de autoria de Luiz Gonzaga e Zé Dantas:

Mandacaru, quando fulora na seca
 É o sinal que a chuva chega no sertão
 Toda menina quando enjoa da boneca
 É sinal que o amor
 Já chegou no coração
 Meia comprida
 Não quer mais sapato baixo
 Vestido bem cintado
 Não quer mais vestir timão
 Ela só quer, só pensa em namorar
 Ela só quer, só pensa em namorar

De manhã cedo já está pintada
 Só vive suspirando
 Sonhando acordada
 O pai leva ao doutô
 A filha adoentada
 Não come, não estuda,
 Não dorme, nem quer nada

Ela só quer, só pensa em namorar
 Ela só quer, só pensa em namorar

Mas o doutô nem examina
 Chamando o pai de lado
 Lhe diz logo na surdina
 O mal é da idade
 A doença da menina
 Não há um só remédio
 Em toda medicina

Ela só quer, só pensa em namorar
 Ela só quer, só pensa em namorar.

GONZAGA, Luís e DANTAS, Zé. Disco LP: 78 RPM. 1953. Faixa 03. (Letra coletada no site oficial: www.luislugazaga.mus.br. Acesso: 05 de Dezembro de 2009).

O ritmo da canção, o *xote*, como próprio título anuncia, caracteriza um ritmo musical peculiar de uma região, cuja identificação se torna possível pelo vocabulário, que é estruturado a partir de marcas ou atributos que tipificam os personagens que conduzem o texto, representa as coisas (objetos) do lugar, os costumes. Veremos, pois, que a caracterização de “Xote das Meninas” evidencia o sertão nordestino, a despeito das raízes desse ritmo na cultura europeia. Câmara Cascudo (2002, p. 755) o descreve como “um ritmo agradável de se dançar, melodia de fácil aprendizado e letra de simples memorização”. Esses recursos que favorecem a estruturação simples da música em nada diminuem o seu valor semântico-estilístico. Destacamos o recurso das rimas finais e o uso de palavras do mesmo campo semântico como os exemplos mais contundentes no que tange à simplificação da estrutura com fins de facilitar a memorização.

A organização de campos semânticos acompanha a evolução das mudanças de comportamento da menina e a consequente estranheza do pai diante da novidade:

Palavra ou expressão	Campo semântico	Índice de
meia, sapato, vestido, timão	vestimenta	vaidade
suspirando, sonhando acordada, só pensa em namorar	anseios	paixão
adoentada, doença	sofrimento	doença
não come, não dorme, não estuda, não quer nada	sintomas	desânimo
doutô, examina, remédio, medicina	tratamento (da doença)	cura

Os itens *adoentada* e *doença* formam um campo lexical, por se tratar de um par de palavras que provém da mesma família léxica, conforme a conceituação de Mattoso Câmara (2004, p. 157).

As alterações fono-ortográficas são icônicas por conferirem ao texto a qualidade de representação de espaço sociocultural. O item lexical *fulora* a que se recorre no primeiro verso da canção, *mandacaru quando fulora na seca*, acompanhando o nome de uma planta típica do sertão, salta aos nossos olhos como marca mais evidente do falar regional. Observe-se que para articular *fulora* desfaz-se o encontro consonantal por comodidade articulatória, que no estudo sobre metaplasmos configura um tipo especial de epêntese, denominado *suarabácti*, que caracteriza “o desenvolvimento de uma vogal no interior de um grupo de consoantes” (cf. SIMÕES, 2006, p. 39). Do mesmo modo que se acrescentam fonemas para simplificar a estrutura do vocábulo (padrão CV), noutras formas eles são suprimidos com a mesma finalidade. O exemplo apresentado na letra-de-música com essa característica é *doutô*, em que ocorre a apócope do travador final /r/ e a conseqüente acentuação da vogal para marcar a sua tonicidade. *Mandacaru*⁵, *seca* e *sertão* são outros componentes lexicais do texto que podem ser levantados como marcas que definem concretamente a ambientação sertaneja, sendo *mandacaru* um índice que remete aos outros dois termos.

Com a metáfora da passagem da infância à adolescência, representada simbolicamente na imagem do desabrochar da flor do mandacaru, Luis Gonzaga demonstra o seu poder de criação ao transformar as referências socioculturais de sua terra em objeto de arte, isto é, em música. Por isso, a figura de Luis Gonzaga é, sem dúvida, uma das mais emblemáticas referências ao sertão nordestino, reconhecida como *símbolo* de nordestinidade. Numa relação de alteridade, sua imagem se alinha à identidade do povo. Como observa R. Marques (2008, p. 69), o compositor/cantor trata as

⁵ Mandacaru - [Do tupi.] - Substantivo masculino. 1. Bras. N.E. Bot. Grande cacto (*Cereus jamacaru*), de porte arbóreo, tronco grosso e ramificado, que pode fornecer madeira na base, flores enormes, alvas, que se abrem à noite, e cujos ramos têm de quatro a cinco ângulos, sendo o fruto uma baga espinhosa. É planta das mais características da caatinga nordestina, e serve de alimento ao gado na seca. [Var.: *jamacaru*.] [AURÉLIO, s. v.]

experiências, as coisas da terra, com desenvoltura e autoridade de quem conhece. Nas palavras do autor, “a noção de pertença formada não pela sociabilidade, mas pela origem, confere a Luis Gonzaga a legitimidade para falar de sua terra”.

O mandacaru é um ícone-símbolo de resistência à seca do sertão nordestino, já que serve de alimento ao gado na seca; é ícone por ser uma árvore típica do sertão, logo, a motivação do *signo* é evidente (olhou para o mandacaru, lembrou do sertão) e símbolo porque representar o sertão pelo mandacaru é convenção, uma vez que a representação poderia ser um chapéu de jagunço, uma ave etc. Pelo fato de ser comum a sabedoria popular utilizar-se do mecanismo de observar a natureza para acompanhar as variações do tempo ou do clima, quando a planta floresce atenta-se à proximidade da chuva. Do mesmo modo, compara-se a passagem da infância da menina à fase da maturidade. Nesse sentido, *mandacaru* não mais se refere a um tipo de planta, mas é tomado como *ícone-índice* de maturidade em oposição ao signo *boneca* que é tomado como *ícone-índice* de infância. Os versos da primeira estrofe, “meia comprida / não quer mais sapato baixo / vestido bem citado / não quer mais vestir timão”, são *índices* que marcam bem as mudanças de comportamento, como forma de demonstrar que as vestimentas básicas, tipicamente uniformizadas, são abandonadas. A carga explosiva das consoantes oclusivas [p], [k], [t], [b] e [d] marcam iconicamente a intensidade do desejo de mudança, cujos sinais estão atrelados ao desejo de namorar, bem marcado no texto, numa relação de causa. Vejamos:

A menina

- enjoa da boneca
- não quer mais sapato baixo
- (só quer) vestido bem citado
- não quer mais vestir timão
- de manhã cedo já está pintada
- só vive suspirando
- sonhando acordada
- não come, não estuda
- não dorme, nem quer nada

porque

ela só quer,
só pensa
em namorar

Todas essas pistas sinalizam que mais uma flor desabrocha no sertão.

4. Considerações finais

Com esse estudo, procuramos demonstrar, fundamentadas na perspectiva variacionista e na *Teoria da Iconicidade Verbal*, que o objeto de estudo nas aulas de língua portuguesa deve ser fundamentado na *língua em uso*, o que só é possível caso se deem condições de o estudante vivenciar e refletir sobre as questões linguísticas que construímos e recebemos por meio de textos, que circulam no dia a dia da sociedade. As letras-de-música, indubitavelmente, fazem parte desse grupo de gêneros textuais, enriquecidas de valor semiótico-literário, social e cultural materializado nos aspectos formais da língua. Esclarecemos que, longe de defender uma frente de ensino em que vale qualquer estratégia de pseudovalorização do saber do aluno, defendemos o aproveitamento de letras-de-música na perspectiva variacionista como estratégia de valorização e divulgação da língua e da cultura nacional em sua multiplicidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÂMARA, J. Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática: referente à Língua Portuguesa*. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

CASCUDO, Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 11. ed. Edição ilustrada. São Paulo: Global, 2002.

COSTA, Nelson Barros da. As letras e a letra. O gênero canção na mídia literária. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 107-121.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia V. O.; AQUINO, Zilda G. O. *Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua nacional*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *Novo dicionário eletrônico Aurélio*. Versão 5.11. [Rio de Janeiro]: Positivo, 2004.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro Salles. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. [Versão eletrônica 1.0]

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MARQUES, Roberto. Nordestinidade, música e desenraizamento ou Eram os tropicalistas nordestinos? In: GIUMBELLI, Emerson; DINIZ, Júlio; NAVES, Santuza. *Leituras sobre música popular*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008, p. 65-82.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 15-26.

PRETI, Dino. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. (Série Dispersos)

SIMÕES, Darcília. Língua Portuguesa e Cidadania: uma perspectiva multi-dialetal para o ensino. In: HENRIQUES, Claudio Cezar; SIMÕES, Darcília (Orgs.). *Língua e cidadania: novas perspectivas para o ensino*. Rio de Janeiro: Europa, 2004, p.89-113.

_____. *Considerações sobre a fala e a escrita: fonologia em nova chave*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

_____. *Iconicidade Verbal: teoria e prática*. Rio de Janeiro: UERJ, Publicações Dialogarts, 2009. Disponível em <<http://www.dialogarts.uerj.br>>. Acesso em 15 de setembro de 2009.

VALENTE, André. Metáfora, campo semântico e dialética na produção e na leitura de textos. In: VALENTE, André (org.). *Aulas de português: perspectivas inovadoras*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 49-66.

_____. Letras de música nas aulas de português: estilo, cultura e cidadania. In: HENRIQUES, Claudio Cezar; SIMÕES, Darcília (Orgs.). *Língua e cidadania: novas perspectivas para o ensino*. Rio de Janeiro: Europa, 2004. p. 194-207.